



MULHERES CAMPONESAS E A MÍSTICA DA EDUCAÇÃO POPULAR: SABERES, RESISTÊNCIAS E EMANCIPAÇÃO

SILVA, Edcleide da Rocha¹

PALMEIRA, Lana Lisiêr de Lima²

Grupo de Trabalho (GT): GT 1 – Educação, Direitos Humanos, Currículos, Sujeitos e Diversidades

RESUMO

O relato de pesquisa propõe-se abordar o papel vital das mulheres campesinas na tessitura da educação popular, entendida como prática pedagógica, política e emancipada. Ele é fruto de tese de Doutorado em Educação do PPGE da UFAL, que se encontra em curso. Partindo das vivências do Movimento de Mulheres Campesinas (MMC) em Alagoas, revela-se como estas mulheres protagonizam a luta por direitos e a organização comunitária, e como, a partir desse chão fértil, elaboram saberes profundamente enraizados na realidade campesina. A pesquisa vem, de 2022 até o momento presente abordando a educação popular como práxis libertadora, tecida no entrelaçamento de teoria, ação e reflexão, exaltando a mística como força pulsante que anima e sustenta os processos formativos. Assim, ao desafiar estereótipos de gênero e combater o epistemocídio histórico, o trabalho aponta que as mulheres campesinas erguem uma pedagogia feminista, agroecológica e popular, capaz de transformar territórios e subjetividades. Logo essa elaboração é um convite à leitura crítica da educação com lentes de alteridade, ancestralidade e coletividade, reafirmando a potência das mulheres como sujeitos históricos e agentes imprescindíveis de transformação social.

Palavras-chave: Educação Popular. Mística. Mulheres Campesinas. Práxis.

INTRODUÇÃO

A educação popular, abordada na tese de doutorado “Mulheres campesinas alagoanas: o imbricar dos sonhos nas lutas por direitos em uma mística da educação popular”, é tratada como uma metodologia baseada na pesquisa-ação, integrando teoria, prática e reflexão no Movimento de Mulheres Campesinas (MMC) em Alagoas. Essa como Aponta Conceição Paludo (2015), é uma abordagem que nasce do povo para o povo, buscando atender suas demandas sociais e coletivas de uma educação libertadora. No Brasil, tem origem nos movimentos anarquistas e operários do início do século XX, sendo consolidada nos anos 1960 com Paulo Freire e sua pedagogia crítica voltada aos grupos populares.

¹ Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: edcleideprof@gmail.com

² Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: lana.palmeira@fda.ufal.br





Mais do que uma abordagem educacional, a educação popular é uma metodologia que articula teoria, ação e reflexão, promovendo o protagonismo dos sujeitos históricos em seus territórios. Essa metodologia tem sido base para programas do governo atual e participação social, como o AgPopSUS (Agentes Populares de Saúde), os Agentes de Cultura e os Agentes de Economia Solidária — este último inspirado nas ideias de Paul Singer —, evidenciando sua potência como ferramenta de transformação social e política.

No contexto das mulheres camponesas alagoanas, a educação popular se entrelaça com a mística, a agroecologia e o Feminismo Camponês Popular, formando uma pedagogia que é, ao mesmo tempo, crítica, afetiva e revolucionária. A partir da experiência do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), este artigo propõe evidenciar como essas mulheres constroem saberes, resistem às opressões e transformam suas comunidades por meio da educação.

Mais do que um estudo sobre práticas educativas, este texto é um convite à escuta de uma pesquisa que se faz pela pesquisa ação, onde a pesquisadora é também agente das vozes que foram silenciadas por séculos, vozes que não apenas ensinam, mas transformam. Vozes que, ao semear esperança, colhem autonomia.

OBJETIVOS

O objetivo da pesquisa é de contribuir na elaboração metodológica do conhecimento para e com a classe camponesa alagoana e brasileira, consecutivamente para a América Latina, ao mesmo tempo que busca promover avanços na conceituação do feminismo camponês popular e educação pública;

Busca-se, assim, analisar os impactos do contexto histórico na luta por direitos de gênero no Brasil, delimitando espaços que possibilitem identificar e avaliar tanto os retrocessos quanto os avanços na defesa dos direitos e espaços conquistados pelas mulheres camponesas. A mística servirá como elemento central, conectando as diversas partes da pesquisa, e destacando a importância da luta popular contra as opressões que permeiam as estruturas social, política, cultural e econômica, as quais também afetam a educação pública.

2.1- Objetivos específicos





- Apresentar a história da educação alagoana e das mulheres a partir da perspectiva da educação popular;
- Fazer levantamentos teóricos da demarcação de direitos coletivos na questão de gênero, com centralidade nas mulheres;
- Contribuir para o desenvolvimento metodológico do Feminismo Camponês Popular (FCP);
- Articular a mística como meio dos processos educativos de formação organização e luta no campo popular;

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa proposta visa compreender, articular e construir uma dialética entre teoria e prática, com o intuito de identificar diferentes abordagens educativas que se entrelaçam no processo de transformação social e na desconstrução das opressões sistêmicas e hegemônicas que permeiam nossa realidade. A dialética, como metodologia essencial para essa articulação, torna-se um instrumento fundamental para o desenvolvimento de práticas educativas que busquem a emancipação e a justiça social.

Nesse contexto, é crucial conectar o pensamento de Paulo Freire com outros autores e autoras que contribuíram significativamente para a reflexão sobre a transformação social, especialmente nas áreas de educação, classe trabalhadora, feminismo e materialismo histórico-dialético. Autores e autoras como Paulo Freire, Heleite Saffiote, Conceição Paludo e Enrique Dussel, além de referências na legislação, como a própria Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.191/96), fundamentam o debate sobre as práticas educativas e suas potencialidades transformadoras para o contexto de vida e trabalho coletivo das mulheres.

Essas interconexões teóricas não apenas ampliam nosso entendimento sobre as complexidades da realidade social, mas também sustentam a construção de um modelo educativo que promova a crítica, a reflexão e a ação transformadora. Ao integrar diferentes correntes de pensamento, esta pesquisa se propõe a oferecer uma contribuição significativa para a construção de saberes que desafiem as estruturas de opressão e busquem a equidade e a justiça social no campo educacional.

Dessa forma, a fundamentação teórica desta proposta baseia-se na



pedagogia e na teoria freiriana, na filosofia da libertação, no materialismo histórico-dialético e, por conseguinte, na teoria marxista e na própria educação popular, tendo por base a pesquisa ação.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

A pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada na revisão bibliográfica e no estudo de caso, permitindo compreender em profundidade as experiências das mulheres camponesas alagoanas. O método de estudo de caso, conforme Yin (2015), é escolhido por possibilitar análise detalhada de fenômenos contemporâneos em seu contexto real, com triangulação dos dados.

O referencial metodológico baseia-se na educação popular, especialmente na pedagogia freiriana, priorizando diálogo, reflexão crítica e participação ativa dos sujeitos. São utilizados métodos qualitativos, por meio de entrevistas, além de dados quantitativos para ampliar a análise dos impactos sociais e educativos.

Esses procedimentos visam promover conscientização, reflexão conjunta e transformação social, reconhecendo o protagonismo das mulheres camponesas na luta por justiça e equidade.

Ressalta-se que, em consonância aos preceitos regulamentadores da Ética em Pesquisa e por existir a previsão de realização de entrevistas, o presente trabalho tem seu respectivo projeto devidamente submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas – CEP/UFAL.

RESULTADOS

Os resultados da pesquisa apresentarão apresentam contribuições relevantes à sistematização da história da educação popular, especialmente na trajetória das mulheres camponesas ligadas ao Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) em Alagoas. Destacam-se:

- Ampliação do acesso a direitos sociais e civis: a atuação das mulheres possibilitou conquistas como aposentadoria rural, documentação civil, acesso à saúde básica e regularização da terra, fortalecendo a autonomia das famílias e comunidades;

- Valorização dos saberes populares: as práticas educativas promoveram o reconhecimento dos saberes ancestrais, tradicionais e cotidianos, afirmando o valor do conhecimento coletivo;
- Construção de espaços formativos: metodologias participativas, rodas de conversa, campanhas de sementes e formações itinerantes desafiaram o modelo tecnicista da educação formal, criando territórios de aprendizado enraizados na experiência popular;
- Promoção da agroecologia e soberania alimentar: a criação de farmácias vivas e o incentivo a práticas agroecológicas fortaleceram a segurança alimentar e a saúde das famílias;
- Enfrentamento das múltiplas opressões: a educação popular construída pelas mulheres camponesas atua no combate a mecanismos de exclusão social, tornando-se instrumento de emancipação e resistência.
- Protagonismo feminino e fortalecimento do movimento: a presença das mulheres como educadoras, articuladoras e lideranças políticas fortaleceu o MMC e as redes de solidariedade e apoio mútuo.

Esses resultados evidenciam que a ação das mulheres camponesas representa uma transformação profunda das relações sociais, dos processos educativos e da vida no campo, tornando a educação popular uma prática coletiva e transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação popular, como prática viva e insurgente, não se encerra em métodos ou teorias. Ela pulsa nas mãos das mulheres que cultivam a terra, que organizam comunidades, que resistem às violências e que constroem saberes com o corpo e com a memória. No chão alagoano, essa educação se faz mística, agroecológica, feminista e coletiva — e tem nas mulheres camponesas sua força motriz.

Ao longo deste artigo, evidenciamos que a luta por direitos e a construção da educação popular não são processos paralelos, mas entrelaçados. Cada conquista — seja por documentação, saúde, terra ou reconhecimento — é também uma conquista pedagógica. Cada ação educativa — seja uma mística, uma roda de conversa ou uma campanha de sementes — é também uma ação política.

As mulheres camponesas organizadas no Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) não apenas resistem: elas reexistem. Elas transformam o estereótipo da “mulher guerreira” em potência coletiva, rompendo com os mitos da





submissão e afirmando sua presença como outras que constroem, que sonham e que educam. Sua ação é práxis, sua pedagogia é esperança, e sua luta é semente de transformação.

Diante dos retrocessos políticos, das violências estruturais e das tentativas de silenciamento, a educação popular permanece como território fértil de resistência. E é nas mãos dessas mulheres que ela floresce florescer.

Nesse sentido busca-se que aqui mais do que uma reflexão acadêmica — que seja também um convite à ação, à escuta e à construção coletiva. Porque os sonhos que se sonham juntos não apenas resistem: eles transformam.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo. Solidariedade. In: **Dicionário Paulo Freire**. 2019 p. 437- 438.

ANMC. **Feminismo camponês popular**. Produção Movimento de Mulheres Camponesas.

ARROYO, Miguel González. **Curriculum território em disputa**. ISBN 978-85-326-4748-1 – Edição digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOGO, Ademar. A Mística: parte da vida e da luta. In: **O Caderno de Formação nº 38**: “Método de trabalho de base e organização popular”, é uma publicação do Setor de Formação - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Editora Expediente. 1ª edição - outubro de 2009.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação na América latina**. Trad. de Ephaim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen, Lúcia M. E. Orth. Petrópolis:Vozes, 1997.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Tradução de Rosiska Darcy de Oliveira. 23ª edição. Rio de Janeiro – Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 48ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo – Terra e Paz, 2020.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. 4ª Edição. São Paulo, Cortez Editora, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. Rio de Janeiro, Paz e terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**.





Prefácio de Leonardo Boff; notas de Ana Maria Araújo Freire. 17^a edição. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PALUDO, Conceição. **Educação popular em busca de alternativas**. Uma leitura desde o campo democrático e popular. Editora Tomo e CAMP, Porto Alegre, 2001.

PALUDO, Conceição. Educação popular como resistência e emancipação humana. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, maio-ago., 2015.

SAFIOTI, Heleith. **A mulher na Sociedade de Classes**: mitos e realidade. Expressão Popular 3^a edição, São Paulo, 2013.

